

A CIBERCULTURA NOS PERIÓDICOS CIENTÍFICOS: UMA PROPOSTA CARTOGRÁFICA¹

Manoella Fortes Fiebig²

A cibercultura tem sido um tema central e amplamente abordado em diversos artigos científicos, livros, teses e dissertações, principalmente após a popularização da internet, fato que impulsionou o questionamento científico acerca das particularidades emergentes da cultura contemporânea. A diversidade de pesquisas que já foram publicadas sobre o assunto resulta num universo heterogêneo e quase impossível de ser mensurado, justamente porque estes estudos, que têm a cibercultura como eixo nuclear, são oriundos de diferentes áreas do conhecimento, que vão além da Comunicação – passam pelas Ciências Sociais em geral, pela Informática, Computação, Administração, etc. Dada a natureza difusa, inclusive do próprio conceito de cibercultura³, constata-se que existem pesquisas que buscam entender o fenômeno cibercultural pelo viés da chamada filosofia da técnica, outros que associam a gênese da nova cultura da sociedade com a chamada “tecnocracia”, ou, ainda, “tecnocultura”; outros relacionando o avanço do uso intenso das tecnologias no cotidiano social com uma “vertigem”, classificando a internet (e em especial os sites de redes sociais) como o novo “dispositivo panóptico” de Foucault (1987), aliando a vigilância da rede à “superexposição do eu” numa posição notadamente criticista e, por vezes, tecnófoba⁴; e, outros ainda, que estudam sobre as transformações das mídias tradicionais (passivas do ponto de vista da recepção) para as mídias atuais, considerando a nova cultura como a “revolução do

¹ Artigo apresentado ao Painel Temático 55 – Educação e formação na cibercultura do IX Simpósio Nacional da ABCiber

² Jornalista. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná. Pesquisadora do Grupo “Click – Comunicação e Cibercultura”. E-mail: manoellaff@gmail.com

³ Quanto à cultura que vivemos hoje, autores como Felinto (2007) já falam no completo desuso do termo “cibercultura”, sugerindo outros termos que podem ser mais adequados e parecem ser sinônimos, como “cultura digital” ou “cultura contemporânea”. Quanto aos “estudos em cibercultura”, também há a variação “estudos em/de internet” ou “teorias das mídias digitais” (MARTINO, 2014).

⁴ Rüdiger (2011) propõe três tipologias para os pesquisadores em cibercultura: 1) Populistas Tecnocráticos, que representam a tendência tecnófila em relação às tecnologias e reúne os “advogados de defesa” das “virtudes morais, políticas e econômicas” da cibercultura; 2) Conservadores Midiáticos, considerados como os tecnófobos ou avessos ao advento tecnológico; e 3) Cibercriticistas, que são aqueles estudiosos voltados à compreensão crítica dos processos sociais que envolvem os fenômenos técnicos.

conhecimento”, sob a perspectiva da convergência das mídias na internet (RÜDIGER, 2008, 2011; KEEN, 2012; POLIVANOV, 2014; JENKINS, 2008). Claramente estas são apenas algumas das teorias que surgiram no âmbito teórico para tentar compreender os fenômenos praxiológicos por trás das tecnologias, lembrando que, nos anos 1990, Pierre Lévy já defendia a ação humana por trás dos sistemas técnicos. Isto quer dizer que, antes de pensarmos as tecnologias como entidades descoladas da atmosfera humana, precisamos compreender que é no berço da sociedade – seguindo as necessidades, fetiches e vontades humanas – que toda tecnologia emerge. Sendo assim, uma porção inestimável de pesquisas já foi efetuada e publicada, tanto internacionalmente, como no Brasil, na tentativa de desvelar os mistérios e nuances da complexa relação entre o homem e a tecnologia. Vê-se, portanto, o pensamento e a pesquisa científica em torno da cibercultura se expandir, acompanhando o avanço frenético das tecnologias digitais na vida em sociedade.

Século após século, presenciamos as tecnologias acompanharem o desenvolvimento das sociedades, visto que a humanidade é, desde seus primórdios, permeada por paisagens construídas pelos reflexos da técnica. Um exemplo disto é o homem das cavernas, entendido historicamente por sua habilidade técnica que pode ser comprovada ao analisarmos suas tradições rudimentares de caça, moradia e desenhos primitivos. A sociedade contemporânea que hoje sistematiza eletronicamente os serviços que outrora eram realizados apenas manualmente, é a mesma que lá atrás inventou o fogo e, posteriormente, codificou/decodificou suas linguagens orais em língua escrita. Pode-se afirmar, amplamente, que a evolução do homem é a mesma história da evolução da técnica, já que ao longo do tempo foram as necessidades humanas que desenharam o horizonte do desenvolvimento tecnológico: desde a moradia nas cavernas para a complexa engenharia de edifícios, casas e condomínios urbanos.

Assim, conceitos oriundos da técnica como tecnocultura e cibercultura se confundem com o próprio entendimento de cultura, justamente por estarem, há tanto tempo, intimamente atrelados. Embora esta relação homem-tecnologia exista desde sempre, somente no século XX é que o conceito de cibercultura ganha ênfase no campo teórico, impulsionado pela era da cibernética e pelo impulso econômico gerado pelas invenções informáticas que mudariam definitivamente a forma como a sociedade se relaciona e trabalha.

Em meados dos anos 1990, o filósofo Pierre Lévy se dedicou a analisar o fenômeno da cibercultura de modo sem precedentes⁵. Mesmo que hoje o autor esteja ultrapassado, seu

⁵ Mesmo que outros autores já tivessem se utilizado do termo “cibercultura”, encontramos em Lévy (1999) os conceitos pioneiros sobre o termo atrelado à sociedade, cultura e ao homem.

pioneirismo concedeu bases para o desenvolvimento teórico da cibercultura, pois foi Lévy quem relacionou as questões das técnicas em sociedade, nelas enxergando o fenômeno da cibercultura de maneira plural e pensando em suas implicações na sociedade, na educação, na comunicação e no espaço urbano. Autor conhecido por suas abordagens acerca do ciberespaço, do conceito de virtual e por ter postulado o termo “inteligência coletiva”, Lévy expõe que a cibercultura é o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1997, p. 17). A partir deste entendimento, então, surgiram muitos outros estudos e pesquisas no ambiente científico com o intuito de analisar as particularidades e idiosincrasias desta cultura que se desenvolve simultaneamente ao crescimento do ciberespaço (rede).

Felinto (2007) realiza uma reflexão sobre a natureza da desterritorialidade na pós-modernidade, inaugurada, até certo ponto, pela cibercultura, pelas mídias digitais e a *internet*. Estes pilares acabam confundindo as noções de espaço, mobilidade e tempo em nosso século, causando uma espécie de desorientação, termo que Andrew Keen (2012) diria se parecer com a sensação de vertigem. Para Felinto (2007, p. 02), no entanto, “essa impressão de desorientação” a que estamos submetidos, é também “particularmente expressiva num domínio de conhecimento que tenta se constituir como um saber a respeito das tecnologias digitais e seus impactos sobre as sociedades contemporâneas, a cibercultura”, isto é, assim como acontece com o homem moderno, que está desorientado imerso no ciberespaço, a cibercultura, enquanto campo teórico que tenta se firmar no horizonte científico, também encontra-se desorientada. Para utilizar as expressões que o autor emprega no texto: para ele, este campo (a cibercultura) está desorientado e “à espera de seus corajosos cartógrafos” (ibidem) para organizá-lo.

Ancorado em algumas definições de Jakub Macek⁶ (2005), autor que também realiza a tentativa de definir a cibercultura teoricamente, Felinto (2007) propõe três definições para iniciar o mapeamento da literatura do campo da cibercultura. Antes, no entanto, defende que são necessárias tentativas de mapear os estudos teóricos sobre o tema, principalmente porque

A palavra – **cibercultura** – já começa inclusive a fazer parte do linguajar cotidiano. Multiplicam-se exponencialmente as obras onde o termo aparece sem, contudo, qualquer preocupação de explicitar seu sentido. Mais perturbadora ainda é a impressão de que a cibercultura constituiria, efetivamente, um domínio bem recortado do conhecimento, e que estaria à nossa disposição uma teoria não

⁶ Para Macek (2005), a “cibercultura” pode ser entendida em quatro sentidos diferentes (e que podem se complementar entre si): 1) cibercultura como projeto utópico; 2) cibercultura como interface cultural da sociedade de informação; 3) cibercultura conceito antropológico; e 4) cibercultura como conceito epistemológico.

explicitamente enunciada, mas implicitamente anunciada nos tratados sobre a tecnocultura contemporânea. (FELINTO, 2007, p. 02, grifo nosso).

Assim como apontou Felinto (2007), este artigo encontra impulso ao verificar este crescimento exponencial de obras que se utilizam do termo ou então que tentam entender o fenômeno da técnica na sociedade contemporânea. No texto fica claro que o que inquieta Felinto é justamente este terreno obscuro dentro do qual estão se multiplicando teorias, conceitos e observações que, no todo, não constituem uma unidade de pensamento, mas sim “uma selva inóspita de ambiguidades e caminhos que não levam a parte alguma” (FELINTO, 2007, p. 02). Quando o autor fala que “não existem mapas para esses territórios⁷”, ele se refere às dificuldades em tentar mapear um campo que parece não ter homogeneidade de pensamento. Por outro lado, o autor sugere “instrumentos para uma cartografia inicial” deste território definido por ele como “virginal”, isto é, passível de ser explorado. Segundo Felinto (2007, p. 03), esta cartografia “terá de partir, necessariamente, de um diagnóstico do conjunto dos estudos e abordagens correntes sobre cibercultura”. E é sobre este diagnóstico inicial dos estudos em cibercultura que nasce a proposta deste artigo, que pretende investigar, de modo preliminar, o campo da cibercultura no Brasil, visto que, em âmbito nacional, obedecendo a uma tendência já presente em ambientes como os EUA e países europeus, muitos pesquisadores da área científica tomaram como objeto de pesquisa a cibercultura. Basta observar os anais de congressos, livros, teses e dissertações que são publicados anualmente: há uma vasta oferta de pesquisas sobre o tema. Tendo em vista este saldo considerável de trabalhos é que surgiu a proposta deste artigo, já que propõe-se a realização de uma cartografia dos estudos em cibercultura no Brasil. Isto quer dizer que, no montante quase incontável de trabalhos publicados sobre o tema, o objetivo aqui é o de realizar uma tentativa de organização e sistematização da produção acadêmica sobre cibercultura, uma vez que, para avançar na própria compreensão sobre o campo, é necessário conhecê-lo de modo a não repetir fórmulas prontas. A cartografia proposta neste artigo, vale ressaltar, consiste em um recorte específico da dissertação de mestrado da autora, que sugere um mapeamento de todas as publicações científicas sobre cibercultura que foram publicadas nas revistas de divulgação científica consideradas como A2 pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, órgão ligado ao Ministério da Educação, do Governo Federal).

⁷ Felinto realiza uma referência ao documentário “*No Maps for These Territories*” de Mark Neale, onde William Gibson, autor da novela *Neuromancer* é entrevistado. Segundo Lévy, “a palavra ciberespaço foi inventada em 1984, por William Gibson, em seu romance de ficção científica *Neuromancer*. No livro, esse termo designa o universo de redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural” (LÉVY, 1999, p. 92).

A dissertação, de maneira geral, pretende organizar todo o material publicado nos últimos dez anos (entre 2006 e 2015) nas revistas científicas E-Compós, Matrizes, Intercom, Galáxia e Famecos a fim de, após análise do *corpus*, avançar no pensamento epistemológico acerca do campo da cibercultura no Brasil. Este artigo, no entanto, de forma mais específica, pretende demonstrar os primeiros resultados desta dissertação, visto que a pesquisa de mestrado ainda está em andamento. Logo, o que se vê a seguir são os dados obtidos durante a etapa quantitativa da dissertação, que diz respeito ao levantamento dos artigos publicados e sistematização de alguns pontos que já puderam ser observados durante a coleta do *corpus*.

1. Discussão metodológica: a etapa quantitativa

Como exposto anteriormente, este artigo se baseia em dados retirados da pesquisa de mestrado da autora e figura como um documento para a apresentação da pesquisa e, principalmente, discussão metodológica. O objetivo é justamente o de possibilitar o debate sobre pertinências acerca dos dados que já foram levantados, a fim de conceder bases para que a construção da dissertação se mantenha sólida. É importante ressaltar que todos os dados apresentados a seguir dizem respeito a uma parcela muito específica da produção científica em cibercultura, pois, como já foi defendido acima, os estudos na área são praticamente infundáveis e não se objetiva, de maneira alguma, realizar generalizações sobre o campo.

Partindo do pressuposto de que existe, no Brasil, uma corrente de pensamento independente, ou seja, que, seguindo a tendência internacional, também é heterogênea, o objetivo deste artigo é o de cartografar os estudos em cibercultura de modo a investigar quais os locais onde mais se pesquisa o assunto, quem são as universidades que mais incentivam trabalhos científicos desta natureza e também quais as revistas científicas que mais publicam artigos sobre o tema. Para tanto, utiliza-se o conceito de análise de conteúdo de Bardin (2011) como método, e algumas considerações de Felinto (2007) sobre cartografia.

Por meio da análise documental (técnica que faz parte do método de análise de conteúdo), foi possível quantificar todo o material publicados nas cinco revistas de análise no período temporal determinado (dez anos). Ao todo foram encontrados 1.569 artigos científicos publicados com temas variados e, destes, por meio da observação que levou em consideração o título, resumo e palavras-chave de cada artigo publicado, foram coletados 440 artigos científicos que mantêm alguma relação com a temática da cibercultura. Para diminuir a amostra inicial, os 1.569 artigos passaram por uma triagem que levava em consideração alguns termos específicos que poderiam indicar se o artigo que se sucedia fazia alguma

reflexão sobre cibercultura. A primeira palavra a ser investigada era a própria designação “cibercultura”, seguida de “ciberespaço”, “digital”, “internet”, “redes sociais”, “sites”, “network”, “técnica”, e “tecnologia”. Além desta busca pelas palavras-chave, também houve a tentativa de compreender do que cada artigo se tratava, interpretando de maneira subjetiva os resumos dos textos. Vale ressaltar que, como cibercultura, foram considerados trabalhos que utilizavam o termo tanto como objeto de pesquisa (ex.: sites, sites de redes sociais, televisão digital, internet, etc), como aporte teórico (ex.: teoria ator-rede, teoria da inteligência coletiva, teoria da convergência, teoria da vertigem digital, etc.), ou como modelo metodológico (ex.: netnografia, análise de redes digitais, etc.).

Após a coleta dos dados, os artigos foram organizados e analisados de acordo com a revista em que foram publicados. Sendo assim, neste artigo os dados serão apresentados também desta maneira:

Revista E-Compós

A Revista E-Compós é uma publicação científica vinculada a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) e tem periodicidade quadrimestral, ou seja, são publicadas três edições por ano, uma a cada quatro meses. Segundo dados disponíveis no site da revista, o periódico tem como principal finalidade “difundir a produção acadêmica de pesquisadores da área de comunicação, inseridos em instituições do Brasil e do exterior”. Foram analisadas 30 edições da revista E-Compós, com um total de 446 artigos de diversos temas e abordagens teóricas. Ao final da coleta, dos dez anos de publicações, o número de artigos que estavam relacionados ao tema cibercultura foi reduzido para 167. Destes 167, vale destacar o Volume 9 da revista, publicado no segundo quadrimestre de 2007, que trouxe um dossiê temático voltado somente para temas e reflexões sobre a cibercultura. Nesta edição, em especial, foram publicados no total 34 artigos, sendo 17 deles artigos que realizavam reflexões e discussões sobre cibercultura. Estes 17 títulos, obviamente, são os que compõem o dossiê temático.

Além deste total de 167 artigos sobre o tema, foram publicadas também três resenhas de livros sobre temas relacionados com cibercultura e duas entrevistas com autores da área, abordando principalmente questões metodológicas em ambientes digitais. Em 2011 foi publicada a tradução de uma entrevista originalmente divulgada na revista francesa *L'Express*, de fevereiro de 1972, com o autor Marshal McLuhan e, um ano depois, em 2012, na edição

seguinte da Revista E-Compós, foi publicada uma entrevista que foi realizada com Christine Hine, sobre o tema “abordagens naturalistas para ambientes digitais”.

Durante os últimos dez anos de análise, foi possível perceber que os anos entre 2006 a 2009 concentram maior número de publicações que abordam o tema cibercultura (neste intervalo de quatro anos, foram publicados 61 artigos, totalizando aproximadamente 36% de todas as publicações sobre o tema no período temporal determinado). Além disso, durante todo o período analisado, comparando com os artigos publicados com temas variados (total de 446 artigos), contabilizamos que cerca de 38% dos textos que foram publicados nesta revista científica tratam, em maior ou em menor medida, de assuntos relacionados à cibercultura.

Os artigos com o tema cibercultura, na amostra da revista E-Compós, provêm de 29 instituições de ensino brasileiras (destaque para a Universidade Federal do Rio de Janeiro, cujos docentes ou discentes do Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação da universidade carioca foram autores de 10 artigos publicados no periódico). Destacam-se também outras três universidades brasileiras entre as que mais publicaram artigos durante os últimos dez anos, são elas: Universidade Federal da Bahia, com nove artigos publicados por professores e/ou alunos da instituição, Universidade Tuiuti do Paraná e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, ambas com sete artigos publicados por membros do corpo discente e/ou docente das instituições. Além de instituições brasileiras, autores de outras cinco universidades estrangeiras publicaram artigos científicos na Revista E-Compós: Universidad Complutense de Madrid, Espanha. Universidad Rey Juan Carlos, Espanha; Universidade de Fordham, cidade de Nova York, Estados Unidos; Instituto de Comunicação Social da Universidade de Ciências da Educação da Lituânia (*Lithuania University of Educational Sciences*) e *New Jersey City University*, dos Estados Unidos.

Revista Famecos

A Revista Famecos, publicação científica vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), é a mais antiga das revistas acadêmicas analisadas, com sua primeira edição publicada no ano de 1994. Segundo informações retiradas do site do periódico, a revista Famecos tem como missão “avançar a fronteira do conhecimento científico na área de comunicação, selecionando artigos que apresentem novidades, ideias originais, pesquisas de alto impacto na área, uniformidade na qualidade dos artigos e diversidade temática, tendo

como referencial qualitativo a integridade científica dos pesquisadores”. Além disso, como estratégia para atingir sua meta, a revista costuma publicar “importantes autores internacionais da área, com nível de doutorado, bem como acolhe os principais pesquisadores brasileiros e explora os temas mais relevantes da Comunicação”.

Durante os dez anos determinados, foi possível observar que sua periodicidade era quadrimestral (três edições publicadas por ano, uma a cada quatro meses) até o ano de 2015. Uma informação adicional é a de que, desde o final de 2015, os editores da revista colocaram em vigor uma mudança em sua periodicidade. A Famecos passou a ser trimestral, publicando quatro edições anuais em vez de três. Por esta razão, de 2006 a 2014 foram contabilizadas três edições por ano, e no último ano de análise, foi coletado o material de quatro edições, o que resultou em um total de 31 edições analisadas, uma a mais do que a Revista E-Compós, por exemplo, que continua a manter a tradição de publicar três edições ao longo do ano.

Nestas 31 edições, foram publicados 441 artigos com temas diversos e, destes, foram identificados 109 artigos científicos que apresentam alguma relação com o tema cibercultura. Vale ressaltar que no ano de 2008, a revista publicou um dossiê da ABCiber (Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura), contendo 19 textos sobre o tema. Além disso, foi possível observar que em 2014 a revista publicou uma resenha do livro “#vertigemdigital” de Andrew Keen, cuja obra figura de maneira representativa como um exemplo da vertente de pensamento tecnófila, inclusive, segundo Rüdiger, no contexto da cibercultura, Andrew Keen desponha como o “conservador cultural de última geração” (2011, p. 38). Em 2015, no último ano de análise, também há o destaque para uma entrevista, realizada com o pesquisador já bastante conhecido na área da cibercultura, João Canavilhas, sobre a evolução das características do webjornalismo.

Se comparada com a revista anterior, em termos percentuais, a Revista E-Compós dá maior ênfase para assuntos relacionados à cibercultura, já que 38% dos artigos científicos publicados no periódico são sobre o tema, 13% a mais do que a Revista Famecos. Este dado leva em consideração o fato de que o primeiro periódico publicou 446 artigos, enquanto o segundo, 441. Note-se também que o espaço destinado a resenhas e entrevistas não ocupa nem 1% da produção total do periódico. Por esta razão, e também porque estes gêneros textuais não estão incluídos na análise da dissertação, entrevista e resenha não serão adicionadas ao *corpus* de análise, justamente por não representarem uma porção tão significativa para o mapeamento aqui proposto. Isto também pode ser observado nos outros periódicos analisados, já que a tradição em não publicar resenhas e entrevistas (ou publicar uma porção muito pequena) também se repete nas outras revistas que compõem o *corpus*.

Revista Galáxia

Com periodicidade semestral, publicando apenas duas edições da revista por ano, a Revista Galáxia, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), tem como objetivo, segundo informações retiradas do site da revista, “(1) compreender a produção, a circulação e a recepção dos sentidos/signos comunicacionais; (2) demonstrar a variedade das pesquisas na área da Comunicação, em termos de discursos, as práticas sociais e condições de interação, tecnológicas ou não; e, (3) a partir do diálogo e do confronto de diferentes pontos de vista, firmar soluções metodológicas num campo do saber cujas bases teóricas e epistemológicas encontram-se em densa discussão”. Ao todo, foram analisadas 20 edições da Revista Galáxia e um total de 260 artigos, relacionados com os mais variados temas. Destes 260, foram separados 65 artigos científicos que mantêm alguma relação com o tema cibercultura, o que significa 20% do total de textos científicos publicados no periódico.

Vale destaque o fato de que a Revista Galáxia foi a que mais publicou resenhas durante estes dez anos de análises, totalizando seis exemplares deste gênero textual. Entre os anos de 2010 e 2014, foram publicadas cinco resenhas: no ano de 2010, com uma resenha do livro “Vigilância e visibilidade: espaço, tecnologia e identificação” (BRUNO, F.; FIRMINO, R.; KANASHIRO, M. (Orgs.), 2010); em 2011, com duas resenhas: a primeira, na edição de n. 21, do livro “*Audiovisions: cinema and Television as Entr’Actes in History*” (ZIELINSKI, S., 1999) e a segunda, na edição de n. 22, do livro “Métodos de pesquisa para internet” (FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A., 2011); em 2013 com a resenha do livro “*La conexión como espacio de control de la incertidumbre*” (WINOCUR, R., 2009); 2014 com a resenha do livro “*Las políticas de los internautas: nuevas formas de participación*” (CARLÓN, M.; FAUSTO NETO, A. (Org.), 2012); e, finalmente, em 2015, com a última resenha publicada na edição de n. 30, sobre o livro “*Heidegger and the Media*”.

Revista Intercom

Com duas publicações anuais, a Revista Intercom, editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), tem como objetivo publicar semestralmente artigos científicos da área da comunicação, “respeitando a

interdisciplinaridade e a abrangência temática características” desta área do conhecimento e, segundo informações retiradas do site do periódico, tem como missão “contribuir para a difusão do conhecimento científico e a reflexão pluralista sobre a Comunicação”.

De 2006 a 2015 a Revista Intercom publicou 20 edições, sempre obedecendo sua periodicidade semestral. Durante este período, o periódico publicou um total de 222 artigos científicos, mantendo um número regular de 10 a 12 artigos por edição. Deste montante, há 174 artigos científicos com temas diversos e 48 artigos que se enquadram na temática cibercultura. Além disso, foi possível observar que o periódico publicou um total de seis entrevistas com autores relacionados à área da cibercultura e suas diversas vertentes de abordagem. Diferentemente dos outros periódicos analisados, a Revista Intercom não mantém a tradição de publicar dossiês temáticos, como, por exemplo, as revistas E-Compós e Famecos, que, inclusive, como foi apresentado acima, publicaram dossiês temáticos voltados somente a assuntos correlacionados à cibercultura.

Em termos percentuais, 20% dos artigos científicos publicados, de todo o montante (222 publicações), estão relacionados com a cibercultura, sendo que nos primeiros anos analisados, eram poucos os artigos preocupados com a temática, como no ano de 2006, que foi encontrado apenas um artigo no Volume 29, nº 2 (na edição de nº 1 nem ao menos há algum artigo científico sobre o tema), e no ano de 2008, que foram publicados apenas dois artigos sobre cibercultura: o primeiro, intitulado “Confiabilidade, credibilidade e reputação: no jornalismo e na blogosfera”, publicado na primeira edição do ano, e o segundo, “As comunidades de compartilhamento social no Centro de Mídia Independente”, no Volume 31, publicado no segundo semestre daquele ano.

Vale ressaltar que, segundo as observações desta pesquisa, foi possível perceber que a Revista Intercom, juntamente com a Revista MATRIZES, são os dois periódicos que costumam publicar mais textos de autores estrangeiros. Neste caso, a revista Intercom publicou, durante os últimos dez anos, 11 artigos de autores provenientes de instituições internacionais. Esta tendência, ao que parece, ganhou ênfase em 2013, ano em que o periódico publicou cinco artigos sobre cibercultura, sendo quatro deles escritos por estrangeiros em uma única edição (Volume 36, nº 2). Nos anos seguintes (2014 e 2015), a revista manteve a mesma postura, publicando de um a dois artigos assinados por autores internacionais a cada edição.

Vale destaque, ainda, o fato de que nos últimos anos de análise, como 2012, 2013 e 2014, houve um aumento significativo na publicação de textos sobre cibercultura. Para exemplificar, abaixo, há a relação do número de artigos publicados entre 2012 e 2014, período

em que foi constatada a maior concentração de textos sobre o tema cibercultura na Revista Intercom.

QUADRO 1 - *CONTABILIZAÇÃO DOS ARTIGOS SOBRE CIBERCULTURA NA REVISTA INTERCOM EM 2012, 2013 E 2014*

ANO	ARTIGOS	ENTREVISTA	EDIÇÕES/ANO
2012	8	1	2
2013	9		2
2014	6	1	2

FONTE: A Autora (2016).

Revista MATRIZES

A mais nova das revistas analisadas, em termos de ano de lançamento, a Revista MATRIZES começou a ser publicada em 2007, pela Universidade de São Paulo (USP) e é a que mais publica artigos, resenhas e entrevistas em inglês, espanhol e francês. Desde sua primeira edição, a revista costuma publicar artigos em outras línguas, fato que pode ter contribuído para subir sua classificação e alcançar o nível A2 pela Qualis Capes. Desde 2007 até 2015, foram publicadas 17 edições, que contam com dossiês (publicando em toda edição, cerca de quatro artigos de uma mesma temática), uma sessão chamada “Em Pauta/Agenda” (que costuma publicar textos com diversos temas), resenhas e entrevistas. Ao todo, foram coletados 200 artigos com temas gerais e, destes, 54 artigos foram destacados por estarem relacionados à cibercultura.

Segundo dados do seu site, a Revista MATRIZES é um periódico semestral, ou seja, publica duas edições por ano, uma a cada seis meses, destinado à publicação de estudos que tenham por objeto a Comunicação, e se coloca como um espaço de debates das diferentes perspectivas emergentes sobre o campo, que, por sua vez, é um campo permeado por outras disciplinas/áreas do conhecimento. Este foi o periódico em que foi detectada uma maior incidência de artigos, resenhas e entrevistas com temas pertinentes ao campo da cibercultura, visto que 54 artigos sobre o tema, de um universo total de 200 artigos científicos publicados pela revista, figuram como um quarto da produção total do periódico, o que demonstra que o interesse pela área é uma constante no período temporal analisado. Outro detalhe que foi possível observar é que dos 54 artigos relacionados com cibercultura, 17 foram escritos por

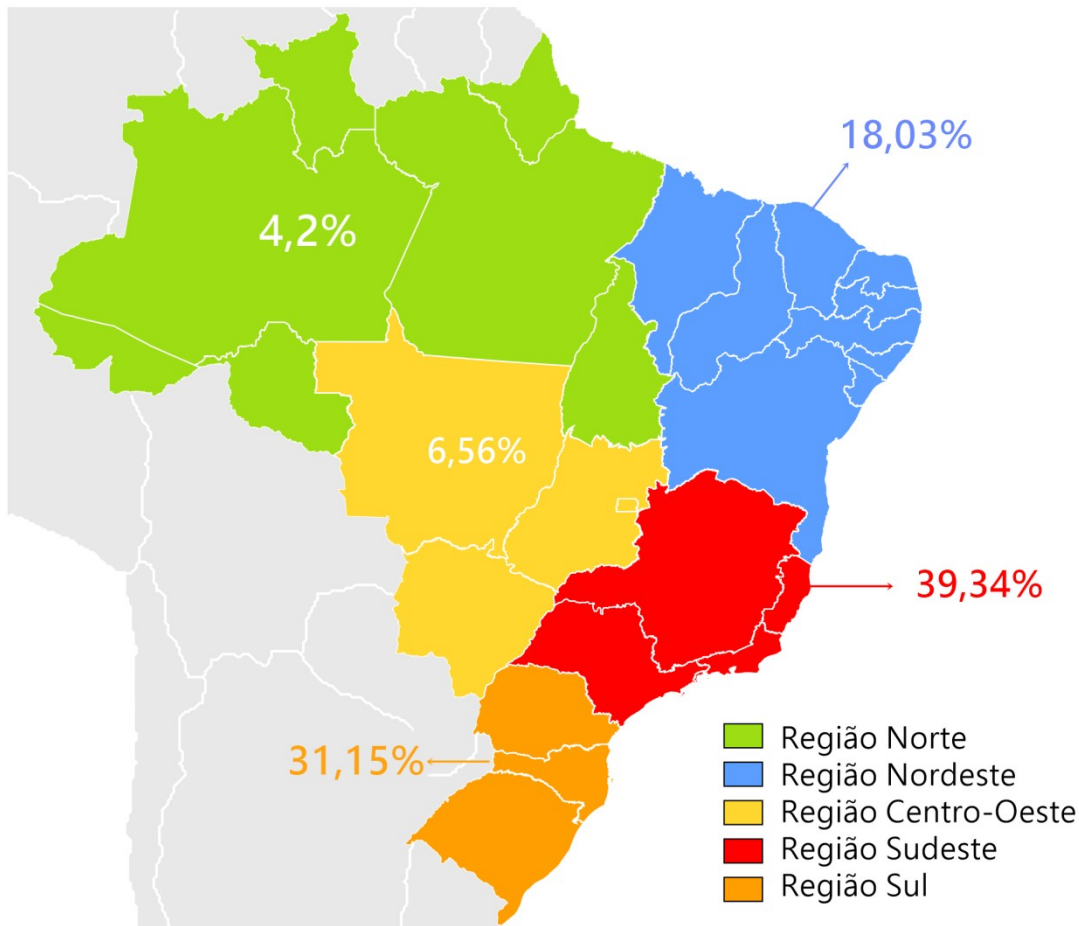
autores estrangeiros, provenientes de instituições de países como México, Inglaterra, Estados Unidos, Chile, Colômbia, Argentina, Itália, França e Dinamarca, o que demonstra o interesse pela internacionalização dos estudos em comunicação e cibercultura por parte da revista.

2. Do método cartográfico

A etapa de sistematização dos dados, acima citada, serviu para conceder subsídios para dar continuidade à pesquisa quantitativa, agora de maneira mais aprofundada. O inventário que se pretende elaborar aqui pode fornecer algumas informações importantes para avançarmos no propósito de pensar a cibercultura em âmbito brasileiro. Uma destas informações é o nome dos autores presentes nos artigos coletados e as instituições as quais estes fazem parte. Isto é um dado importante para a cartografia dos estudos em cibercultura no Brasil, já que indicam as instituições que mais investem em estudos sobre o tema e grupos de pesquisa. Além disso, pode-se observar de quais regiões brasileiras provêm os artigos científicos analisados, o que torna possível realizar um levantamento fundamentado para realizar o mapeamento de todo o território nacional, para verificar onde há a maior concentração de pesquisadores/autores envolvidos com a temática.

Pode-se observar que as regiões Sul e Sudeste possuem maior concentração de autores que publicaram textos científicos nas revistas E-Compós, Famecos, MATRIZES, Galáxia e Intercom nos últimos dez anos. Estas duas regiões compreendem os estados do Espírito Santo (ES), Minas Gerais (MG), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Paraná (PR), Santa Catarina (SC) e Rio Grande do Sul (RS). Destes estados citados, dois deles ganham destaque por serem os locais onde foi verificado que há maior número de instituições ligadas aos autores dos textos: São Paulo, com um total de 11 instituições, e Rio Grande do Sul, com 10. Outros estados como o Rio de Janeiro também obtém um número significativo neste montante, com seis universidades ligadas aos autores dos textos. Em seguida pode-se destacar os estados de Santa Catarina e Paraná, ambos com quatro instituições ligadas a autores de artigos.

MAPA 1 - CONCENTRAÇÃO DE AUTORES SOBRE O TEMA EM CADA REGIÃO BRASILEIRA



FONTE: A Autora (2016).

Segundo o último Censo da Educação Superior realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) em dezembro de 2015, o Brasil contava com 2.368 instituições de ensino superior, que oferecem ao todo quase 33 mil cursos de graduação em todas as regiões. Neste documento, São Paulo aparece como o estado que tem mais universidades, centros universitários e institutos de ensino superior. Este fato acrescenta créditos aos dados coletados ao *corpus* aqui apresentado, pois nele é possível visualizar que não é por acaso que São Paulo figura como o estado que mais gera conhecimento na área. Vale ressaltar que o mapa apresentado acima foi produzido levando em consideração a instituição do autor de cada artigo.

Há que se destacar que em alguns casos um só artigo pode ter sido escrito por dois ou mais autores. Na maioria destes casos, os autores provêm de uma mesma instituição, mas, não raro, ocorre o fato de autores do mesmo artigo serem provenientes de instituições diferentes. Nestes casos em especial, foram contabilizadas as universidades de todos os autores dos textos. Assim, foi possível alcançar um total de 61 instituições. Vale ressaltar que neste cálculo não estão presentes as instituições de autores internacionais e as instituições que mais

apareceram em nossa pesquisa são a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com 29 textos científicos de autores da instituição; a Universidade Federal da Bahia (UFBA), com 28 textos científicos de autores da instituição; e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), com 26 textos científicos de autores da instituição. Um fato que pode ser evidenciado é que alguns autores publicaram mais de um artigo científico nos periódicos determinados e que, frequentemente, estes autores costumam divulgar suas pesquisas em todas as cinco revistas (E-Compós, Famecos, MATRIZES, Intercom e Galáxia).

Considerações

Os dados obtidos até aqui, como já foi enfatizado antes, são os primeiros resultados das incursões da autora no *corpus* da pesquisa de dissertação que pretende mapear os estudos em cibercultura nos periódicos científicos mais bem qualificados da área da Comunicação, com vistas à proposição de uma epistemologia do campo. No decorrer das etapas metodológicas da pesquisa apresentada neste artigo, observou-se que, de fato, não há mapas para estes territórios, como já alertava Felinto (2007), mas há a possibilidade de desenhar novos horizontes por meio da sistematização da produção científica já existente. Entende-se, portanto, que, para avançar epistemologicamente dentro de um campo de estudos, há de se conhecê-lo em profundidade, e, primordialmente, há de se refletir sobre toda produção de conhecimento já realizada. Embora existam ainda muitas questões que podem ser debatidas em novos projetos acadêmicos, a epistemologia da cibercultura, visando ter um olhar geral para a produção já publicada, evita que pesquisadores repitam fórmulas prontas ou repliquem conhecimento já produzido previamente.

Obviamente este artigo serve como um ponto de partida para este desenho sistemático do campo da cibercultura, visto que esta se constitui como um recorte bastante específico, mas não de menor valor, da produção científica sobre o tema. Amaral e Montardo (2011) corroboram a ideia de que, para avançar nos estudos sobre cibercultura no Brasil, é necessária uma análise panorâmica das pesquisas publicadas sobre a temática, levando em consideração as diversas plataformas que dão suporte a estes estudos, como os livros, outros periódicos acadêmicos, anais de eventos científicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Assim, um mapeamento geral da cibercultura só será possível após colocar sob análise todos estes suportes. Por enquanto, este artigo serve – assim como os trabalhos de Amaral e Montardo (2011), ao mapearem os anais da Intercom e Compós, por exemplo – como subsídio para uma cartografia geral da cibercultura no Brasil.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

FELINTO, E. “Sem mapas para esses territórios”: a cibercultura como campo de conhecimento. In: Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, XXX, 2007, Santos. **Anais**. Santos: Intercom, 2007.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução de Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

KEEN, A. **Vertigem Digital**: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientado. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LEMOS, A. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACEK, J. **Defining Cyberculture**. Online, 2005. Disponível em: <http://macek.czechian.net/defining_cyberculture.htm>. Acesso em: 17 set. 2015.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes, redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

NEGROPONTE, N. **A vida digital**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

POLIVANOV, B. **Dinâmicas Identitárias em Sites de Redes Sociais**: estudo com participantes de cenas de música eletrônica no Facebook. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

RÜDIGER, F. **As Teorias da Cibercultura**: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RÜDIGER, F. **Cibercultura e Pós-Humanismo**: exercícios de arqueologia e criticismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

SOUZA, A. dos S. **Elementos para uma epistemologia da cibercultura**. 154f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

E-COMPÓS, Revista. Sobre a Revista, s.d. Acesso em maio de 2016. Disponível em:
<<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/about>>.

FAMECOS, Revista. Sobre a Revista, s.d.. Disponível em:
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/index>>.

GALÁXIA, Revista. Sobre a Revista, s.d. Acesso em maio de 2016. Disponível em:
<<http://revistas.pucsp.br/galaxia>>.

INTERCOM, Revista. Sobre a Revista, s.d. Acesso em maio de 2016. Disponível em:
<www.portalintercom.org.br/revista-intercom>.

MATRIZES, Revista. About the Journal, s.d. Acesso em maio de 2016. Disponível em:
<www.revistas.usp.br/matrizes>.